

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MESTRADO EM HISTÓRIA

DISCENTE: ABRAHÃO FRANCISCO DA COSTA FILHO

IMPRESSOS NO SERTÃO:

OS CAMINHOS DO LIVRO E OS DESAFIOS DA LEITURA

JOÃO PESSOA, 2019

**IMPRESSOS NO SERTÃO:
OS CAMINHOS DO LIVRO E OS DESAFIOS DA LEITURA**

Abrahão Francisco da Costa Filho¹

RESUMO:

O referido trabalho tem como objetivo investigar e analisar os caminhos trilhados pelos livros, bem como as práticas de leitura, desenvolvidas nas cidades do interior, com foco em Brejinho-PE. A pesquisa se fundamenta em diversas obras de autores, que pesquisam a História dos livros e da Leitura, como Chartier (1999 – 2002), Abreu (1999 – 2010), Barbosa (2007), Ferreira (2016), Solé (1998), Luca (2008), entre outros. Através de pesquisa realizada nos arquivos da Prefeitura Municipal de Brejinho e da Câmara Municipal de Vereadores, buscamos compreender o processo de fundação da Biblioteca Pública Municipal, e seu desenvolvimento a partir dos anos 1990; como um ambiente de leitura e promoção do livro. É importante analisar as formas de acesso aos impressos e o impacto que eles causam no processo de formação social, cultural e intelectual das pessoas que residem nas pequenas cidades. Como fontes, utilizaremos documentos encontrados nos arquivos da Prefeitura e da Câmara Municipal, e também na sede da Biblioteca Pública da referida cidade, assim como livros de atas, cópias de leis, contratos de locação, fichas de leitura, o Diário Oficial do Estado e do Município, e as matérias do Jornal Diário de Pernambuco, que estão disponíveis na Hemeroteca Digital, no *site* da Biblioteca Nacional. Dessa forma, passando pelo panorama da leitura e suas práticas buscamos compreender os desafios enfrentados pelas cidades sertanejas, onde os livros chegam a passos lentos e onde a política em prol de leitura deixa muito a desejar.

¹ Graduado em História pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP; e especialista em História do Brasil, pela mesma Instituição. Mestrando em História pela UFPB.

Palavras-chave: Livros. Leitura. Impressos. Sertão.

Introdução

Desde os tempos mais remotos, o conhecimento sempre foi objeto de desejo de muitos homens, foi através dele que a humanidade conseguiu dar passos significativos rumo ao progresso. A medida em que se descobria e se conhecia novas coisas, também se pensava em formas para que esse conhecimento fosse registrado e transmitido. Sabendo-se que a linguagem está na origem de toda atividade comunicativa do ser humano, sendo a capacidade de se comunicar através de uma língua. Percebemos que cada sociedade buscou formas diversas, para através de sua língua, arquivar o saber descoberto.

Se na pré-história, as figuras tiveram essa função, é a partir do advento da palavra que o homem registra de forma mais contundente o saber. Vale ressaltar também, que as formas encontradas, serviram para que fatos do cotidiano, tivessem nota, os sentimentos e as vivências foram difundidas através da linguagem oral e posteriormente da escrita, marcando presença na construção da história das comunidades.

É aqui que entra o livro, presente em forma de rolo na Antiguidade, e posteriormente manuscrito no medievo passando pela imprensa de Gutenberg² e adentrando na contemporaneidade. Sendo conforme Chartier (1999, p. 7-8)

[...] objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Estes cadernos são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do

² O alemão Johann Gutenberg, desenvolveu um sistema mecânico de tipos móveis, a máquina de impressão tipográfica, no século XV, provocando uma verdadeira revolução no terreno da escrita e da leitura.

texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numeração) os índices e os sumários: tudo isto existe desde a época do manuscrito. Isto é herdado por Gutenberg e depois dele, pelo livro moderno.

Na Antiguidade, se escrevia em pedras ou em tábuas de argila; depois os registros foram feitos em papiros³, tido como o precursor do papel, até que se percebeu que no pergaminho, feito com peles de animais, era possível se escrever com mais facilidade, tendo ainda uma durabilidade muito maior. Até aqui, sejam em papiros ou pergaminhos, essa escrita se organizava em rolos, até que foi sendo substituído pelo códex, com um formato ao estilo dos livros atuais, tornando-o um objeto de fácil acesso e uso. “O leitor do livro em forma de códex coloca-o diante de si sobre uma mesa, vira suas páginas ou então o segura quando o formato é menor e cabe nas mãos.” (CHARTIER, 1999, p.13-16).

Chartier ainda nos adverte sobre as técnicas de impressão utilizadas no Oriente, revelando que não podemos ver essa prática, somente aos olhos europeus. “Como sabemos, o tipo móvel foi inventado nas civilizações asiáticas bem antes de sua descoberta no Ocidente. O tipo móvel em terracota era usado na China desde o século XI.” (CHARTIER, 1999, p. 20). Sem esquecer, que mesmo com o advento da imprensa, os textos manuscritos continuaram circulando por um bom tempo.

Agora é inegável, que a invenção de Gutenberg causou uma grande revolução no mundo dos impressos, tornando possível a reprodução dos textos em grande quantidade e em um custo de tempo bastante reduzido.

³ Papiro (pelo latim *papyrus* do grego antigo πάπυρος) é, originalmente, uma planta perene da família das ciperáceas cujo nome científico é *Cyperus papyrus*, por extensão é também o meio físico usado para a escrita durante a Antiguidade. O papiro é obtido utilizando a parte interna, branca e esponjosa, do caule do papiro, cortado em finas tiras que eram posteriormente molhadas, sobrepostas e cruzadas, para depois serem prensadas. A folha obtida era martelada, alisada e colada ao lado de outras folhas para formar uma longa fita que era depois enrolada. A escrita dava-se paralelamente às fibras.

[...] Por um lado, a impressão reduziu drasticamente o custo por cópia da produção de um livro, ao distribuir o custo por toda a impressão. Por outro, reduziu o tempo necessário para produção de um livro, que era longo na época do manuscrito, mesmo após o século XIV, quando se inventou um sistema de divisão do trabalho a ser copiado em vários grupos, a fim de que diferentes copistas pudessem reproduzir o mesmo livro ao mesmo tempo. Com a impressão, cada leitor individualmente poderia ter acesso a um número maior de livros e cada livro poderia atingir mais leitores. [...] (CHARTIER, 1999, p. 22-23)

No Brasil, com a chegada da Família Real em 1808, os impressos começam a se produzir e circular com certa facilidade. Antes disso, é provável que existiram algumas tipografias, de forma clandestina, mas não prosperaram, tendo em vista que desde 1706, uma carta régia determinava que não se imprimissem papéis ou livros na Colônia. “No dia 13 de maio de 1808, encerrou-se um longo período de interdição à publicação de impressos no Brasil, com um decreto assinado pelo príncipe regente dom João instituindo a Impressão Régia no Rio de Janeiro [...]” (ABREU, 2010, p. 41). Como dom João e sua comitiva chegaram em 8 de março, até a instalação da imprensa, a documentação necessária ao governo foi produzida a mão.

No entanto, a criação da Imprensa Régia, não queria dizer que qualquer um poderia publicar seus escritos, e muito menos abrir uma tipografia. Toda a impressão, era responsabilidade da casa oficial, dando a esta, até 1811⁴, o total monopólio da impressão no Brasil. Todos os papéis e livros que se desejassem publicar, deveriam ser submetidos a uma comissão, que iria analisar e censurar os escritos que fugissem dos interesses do Governo, porém, a Tipografia Nacional, não se limitou a imprimir documentos oficiais, diversos livros saíram de seus prelos.

No decorrer dos anos, o avanço tecnológico possibilitou que os impressos fossem produzidos em grandes quantidades e em altíssima qualidade. O número de alfabetizados⁵ aumentou, e com isso a procura por livros, jornais, revistas, etc. também. Como se percebe, o caminho trilhado pelo

⁴ Em 1811, Manuel Antonio da Silva, instala uma tipografia em Salvador.

⁵ Segundo SOLÉ 1998, a Alfabetização é um processo através do qual as pessoas aprendem a ler e a escrever.

livro, é bastante longo, e ele ainda continua sua incrível jornada; pois, em muitas cidades do interior, sua chegada não é tão fácil. E este ponto, é justamente o que se pretende analisar nas linhas seguintes; apesar de toda modernidade, como que os livros chegaram as cidades do interior, mais especificamente em Brejinho, no sertão Pernambucano, e como se desenvolveram as práticas de leitura nessa comunidade.

Os caminhos do Livro e as Bibliotecas

Após 1808, o livro passou a circular pelo Brasil de forma autorizada, mais ainda, a partir de 1821 quando se encerra o monopólio da Impressão Régia no Rio de Janeiro. Com o surgimento de várias tipografias, obras de diversos gêneros foram editadas e comercializadas para um público, embora elitista em sua maioria, que crescia consideravelmente, como nos diz Abreu (2010, p. 53) “O ritmo de crescimento no número de publicações é impressionante.” Vale ressaltar também, que o príncipe regente trouxe para a nova sede da Coroa uma enorme quantidade de livros⁶.

Em Pernambuco, entre o final do século XIX e início do XX, a imprensa teve um vasto desenvolvimento, sendo editado inúmeros periódicos, entre os quais, o Diário de Pernambuco⁷, fundado em 1825 e em circulação até hoje, é o mais antigo jornal da América Latina. Esta circulação dos impressos, de acordo com Quintela (2013), em seu artigo “Literatura e práticas de leitura nos domínios da oralidade”, não se restringiu à capital do estado, tendo adentrado pelo interior. Fato que se comprova ao analisar a quantidade de matérias sobre

⁶ [...] A Real Biblioteca portuguesa, uma das mais extraordinárias da Europa, situada num pavilhão do Palácio da Ajuda. Seu acervo, de 60.000 volumes, era na época vinte vezes maior do que a Biblioteca Thomas Jefferson, do Congresso americano em Washington [...] (GOMES, 2009, p. 75-76). Todos os 60.000 volumes foram despachados para o Brasil.

⁷ Com caracteres móveis, nos moldes com que Gutenberg mudou a história da humanidade a partir de seu primeiro livro no século XV, fundava Antonino José de Miranda Falcão, em 7 de novembro de 1825 o DIÁRIO DE PERNAMBUCO. (DUARTE, 2005, p. 11)

o sertão pernambucano, que circularam no Diário, na segunda metade do século XX.

Em Brejinho, no sertão do Pajeú, localizada a 408 km de Recife, apesar da reduzida quantidade de jornais que circularam entre as pessoas, seja por assinatura ou compra, as notas sobre a cidade no Diário de Pernambuco foram muitas, desde os anos 1960 até 1990, conforme revelam os dados pesquisados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Os livros em circulação nesse período, na cidade, eram pouquíssimos, apenas os poucos professores do município dispunham de obras literárias, compradas em sua maioria nas livrarias da capital. A maior parte da população tinha contato com a literatura de cordel, onde o folheto era comercializado nas feiras, muitas vezes pelo próprio poeta, que passava em viagem, prática que era comum em todo Nordeste.

[...] entretanto, grande parte do comércio era realizado em viagens feitas, pelos próprios autores ou por revendedores, percorrendo fazendas a vilarejos, vendendo trabalhos próprios e de colegas, distribuindo folhetos tanto pelas cidades quanto na região agrícola. (ABREU, 1999, p. 95)

Em pesquisa realizada nos arquivos da Prefeitura Municipal e da Câmara de Vereadores, constatamos que a Biblioteca Pública da cidade, foi fundada somente no ano de 1995, com a Lei nº 119/95, cujo projeto foi discutido por parlamentares com discutível nível de letramento e aprovado por unanimidade, em sessão extraordinária, de 6 de janeiro do corrente ano. A Biblioteca passou a funcionar em prédio alugado pela prefeitura, com um acervo pequeno e ainda pouco organizado.

Fato curioso, é que devido ao pouco uso, e desorganização, a Biblioteca chegou a ser fechada no início dos anos 2000, sendo reaberta em 2005, através da Lei nº 258/2005, de 28 de novembro do ano em curso, Lei essa, que revoga a 119/95. Os parlamentares que aprovaram a nova lei, não eram muito diferentes dos que haviam aprovado a de dez anos atrás. O diferencial seria agora, que a Biblioteca denominada Manoel Nunes Ferreira, estaria integrada

ao Sistema de Bibliotecas Públicas de Pernambuco (SBPE), conforme o Art. 3º do Parágrafo Único da Lei.

O SBPE foi criado em 1986, sendo pioneiro no país, e com a missão de implantação e implementação de Bibliotecas Públicas nos municípios do Estado. Dos 185 municípios de Pernambuco, em 181 deles, existe Biblioteca Pública, no entanto, o número de Bibliotecas no estado chega a 194, indicando que alguns possuem mais de uma, enquanto 4 municípios em pleno século XXI, ainda não tem livros acessíveis a população, conforme aponta o site da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco⁸.

Em relação ao Brasil, a situação é bem mais preocupante, entre os 5.570 municípios, existem 6.102 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais; que representa em média 1 biblioteca para cada 34.073,19 habitantes, dos 207.914.625 da população brasileira. Sendo que a maioria delas está no Sudeste, e a menor parcela na Região Norte. (BRASIL, 2018). A defasagem é gigantesca como relata Ferreira (2016, p. 593)

Há, portanto, um grande déficit de bibliotecas no País. Há de reconhecer-se, entretanto, os esforços empreendidos na história republicana para construir o espírito da leitura no País, tendo as bibliotecas municipais como os únicos espaços de cultura que se mantiveram abertos em cidades grandes e pequenas, resistindo às intempéries do tempo, ao descaso público, à pouca curiosidade de muitos e ao amor de poucos.

A Biblioteca Manuel Nunes Ferreira, não possui uma sede própria, desde a sua fundação em 1995, sempre funcionou em prédios alugados pela prefeitura, e muitas vezes houveram mudanças, para atender aos interesses do gestor daquele mandato. Consta nos arquivos do Governo Municipal, os contratos de locação. No entanto, Ferreira (2016) em suas pesquisas, constatou que essa é uma realidade nacional, em situações de abandono pelo poder público, grande parte das bibliotecas funcionam em prédios adaptados e impróprios.

⁸ www.biblioteca.pe.gov.br

Outro fato de suma importância que merece destaque; de acordo com a documentação encontrada nos arquivos municipais, percebemos que os anos de 1995 e 2005, foram anos em que a Biblioteca Pública Municipal, foi destaque na pauta do governo brejinhense. Porém, após análise, supõe-se que não por iniciativa do governo municipal, mas em decorrência de uma política nacional; que de acordo com os Anais da Biblioteca Nacional (2011) mostram que o Governo de Fernando Henrique Cardoso, criou em 1995 o Projeto “Uma Biblioteca para cada Município”.

O projeto Uma Biblioteca em Cada Município tinha como objetivo ampliar o acesso ao livro através da implantação de bibliotecas públicas nas cidades que não as possuísem ou revitalizar as bibliotecas com serviços deficitários, por todo o Brasil, mediante convênio com municípios. (RAMOS, 2011, p. 129)

Como Brejinho não tinha biblioteca, deduz-se que mediante tal projeto, o município firmou convênio com o Governo Federal. Esse argumento se baseia também, no fato de que a sessão que aprovou a criação da biblioteca, aconteceu em 06 de janeiro de 1995, período de recesso do Legislativo, e foi uma sessão extraordinária, convocada para apreciação de matéria urgente, conforme consta no Livro de Ata da Câmara de Vereadores.

Já no Governo Lula (2003-2006), afim de garantir a continuidade de abertura de bibliotecas, lançou-se um novo programa aos moldes do criado no governo FHC, foi o Programa Livro Aberto, dentro do programa Fome de Livro, implantado em 2004, e com um alto investimento ocorrido no ano seguinte. “Em 2005, os recursos alocados pelo Governo Federal, para a implantação de bibliotecas municipais foram de R\$ 21.433.790,71 (vinte e um milhões, quatrocentos e trinta e três mil, setecentos e noventa reais, e setenta centavos).” (FERREIRA, 2016, p. 614). E justamente em sessão de 25 de novembro de 2005, uma nova Lei encaminhada pelo prefeito do município, é aprovada pelos vereadores, revogando a de 95, referente a criação da biblioteca municipal.

Fato inegável, é a grandiosa importância que essa entidade representa para a comunidade brejinhense. Toda biblioteca, é na verdade, um grandioso

tesouro a disposição da sociedade; para as cidades do interior, longe das grandes livrarias, sua preciosidade é ainda maior, pois para muitas crianças e jovens, ela possibilita o primeiro contato com os livros. E se não há recursos para adquiri-los, esses ambientes dão a oportunidade de incluir os mais pobres no universo do conhecimento, sem priva-los de algo que conforme a Constituição Federal, é direito de todos.

Os desafios da leitura

A leitura é uma porta aberta para o conhecimento, e seu percurso ao longo da história é marcado por desafios e conquistas. Ler, foi por um longo período, um privilégio de poucos, desde os tempos mais remotos, apenas uma pequena parte da sociedade, a mais abastada, tinha acesso aos livros. E as formas como as práticas de leitura se desenvolviam, são reveladoras, como aponta Chartier (1999). Ao se ler em voz alta, desde a Antiguidade, tinha-se o propósito de se demonstrar que era um bom leitor, propagar o autor, ou mesmo o controle do que se lia.

“Foi durante a Idade Média que a habilidade de ler em silêncio foi conquistada pelos leitores ocidentais.” (CHARTIER, 1999, p. 23) e tal prática representou um grande progresso no processo de alfabetização e difusão do livro. A leitura silenciosa estabeleceu uma relação de intimidade entre o leitor e o livro, em silêncio, e no ambiente de sua preferência, o leitor pode adentrar com mais intensidade no universo das palavras.

No entanto, sendo a leitura algo tão esplêndido e encantador, sua prática ainda é algo pouco comum para muitas pessoas, nos mais variados lugares. De acordo com a pesquisa realizada em 2015 pelo Ibope, encomendada pelo Instituto Pró-Livro, são leitores apenas 56% da população brasileira, revelando ainda que o brasileiro lê em média 4,96 livros por ano, sendo que apenas 2,53 são terminados pelo leitor. Quando se pergunta o que gosta de fazer no tempo livre, ler aparece em 10º lugar, sendo a tv a primeira opção para 73% da população. Mas, a pesquisa revela um dado extremamente

preocupante, “ao perguntar a professores, qual tinha sido o último livro lido, 50% respondeu nenhum.” (GUIMARÃES, 2017)

Se 44% dos brasileiros não leem, 30% nunca comprou um livro. Essa situação tende a se agravar mais nas cidades do interior, onde o acesso aos impressos, são mais difíceis, as bancas de revistas são raras e livrarias somente na região metropolitana, ou em cidades de porte maior. Sendo assim, como que as pessoas do interior fazem para comprar livros? Temos dois impressos que se destacam nesse campo, a Revista da Hermes, empresa fundada em 1942, e que atua vendendo diversos produtos por catálogo; entre os quais, encontramos livros a preços bem acessíveis.

Outra revista de vendas, é a Avon, fundada em 1886 nos Estados Unidos, seu fundador David H. McConnell, criou a empresa a partir da ideia de que as mulheres poderiam ter uma renda independente⁹. Ela chega ao Brasil em 1958, sendo seu foco de vendas os produtos de beleza. Porém, desde de 1993, vem apostando na venda de livros; com preços melhores do que nas livrarias, os livros são sucesso de vendas em seus catálogos. A Avon mantém parceria com algumas editoras que produzem versões exclusivas e mais econômicas para a venda no catálogo. Segundo Daniela Barbosa, em matéria divulgada na revista Exame em 2011, esse sucesso se deve

[...] ao fato da Avon atuar em regiões onde o acesso aos livros praticamente não existe por outros meios. A companhia está presente em mais de 1.500 municípios brasileiros. Para se ter uma ideia, é praticamente o mesmo número de cidades que contam com livrarias no país [...] tem também o fator comodidade, além de os preços dos livros nos catálogos serem mais atrativos.

É o que acontece na cidade de Brejinho-PE, a maioria dos livros comprados pelos leitores, são via revista da Avon. Ao observar esses catálogos, identificamos que os livros religiosos e de auto ajuda, são a maioria, entendendo-se serem os mais vendidos. Então, ao analisar o caminho percorrido pelo livro nas cidades do interior, especificamente na terra Mãe do

⁹ Mais informações sobre a história da Avon no site www.avon.com.br

Rio Pajeú¹⁰, fica evidente que esse impresso chega de forma mais intensa, por duas vias, a primeira é através da Biblioteca Pública Municipal, onde o acervo está a disposição de todos; a segunda é através da Revista da Hermes e da Avon, sendo a Avon, a que mais circula e vende na cidade.

Como a internet tem se tornado cada vez mais popular, facilitando o acesso aos sites das livrarias, entre outros, ela tem se tornado também, uma ferramenta para compra de livros, todavia, ela ainda não atinge a maioria da população brejinhense, pois muitas vezes o valor de frete, se equipara ao do livro, fato ocasionado pela distância da cidade dos grandes centros urbanos.

Em suma, percebe-se que apesar de todos os avanços alcançados pelo homem ao longo dos séculos, os livros e a leitura continuam sua jornada a passos muito lentos. O investimento em educação ainda não tem sido suficiente para suprir a carência de conhecimento que assola a sociedade; que sem ler, não compreende, e sem compreender, se torna massa de manobra.

Uma sociedade leitora tem maior discernimento para intervir nos processos de mudança. Ela tem capacidade de refletir sobre fatos e fenômenos e contribui para preservar e difundir o conhecimento produzido pela humanidade, aprimorando a visão cultural e estimulando a leitura dos indivíduos, em diferentes contextos. (FERREIRA, 2016, p. 617)

A leitura é indispensável para a formação socio educativa, e através dos livros esse conhecimento pode chegar aos lugares mais remotos. Para dar asas a uma sociedade, basta colocar o livro em suas mãos, talvez por isso em regimes totalitários, os primeiros presos sejam eles; e na nossa, injusta e desigual, haja tanta dificuldade de acesso aos impressos. O livro é veículo de conhecimento, e conhecer é Poder.

REFERÊNCIAS

¹⁰ O Rio Pajeú, que percorre a microrregião do sertão com o mesmo nome do Rio, nasce na Serra da Balança no município de Brejinho-PE.

ABREU, Márcia. “Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: BRAGANÇA, Anibal e ABREU, Márcia (orgs.). **Impresso no Brasil** – Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

_____. **História de Cordéis e Folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Histórias da Leitura).

BARBOSA, Daniela. **Como a Avon se transformou numa máquina de vender livros**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/como-a-avon-se-transformou-numa-maquina-de-vender-livros/>>. Acesso em 27 de junho de 2018.

BRASIL. **Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas**. Dados das Bibliotecas Públicas no Brasil. 2015. Disponível em: <<http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/>> Acesso em 25 junho de 2018.

CHARTIER, Roger. “As revoluções da leitura no Ocidente”. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), São Paulo: FAPESP, 1999. (Coleção História da Leitura).

_____. **A Aventura do Livro** – do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. **Formas e Sentido da Cultura Escrita**: entre distinção e apropriação. Tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. (Coleção Histórias da Leitura).

DUARTE, Jodeval. **A História Contada Pelo Diário**: A praça forte da liberdade. Brasília: Fundação Chateaubriand, 2005.

FERREIRA, Maria Mary. “Bibliotecas municipais no Brasil e políticas públicas: uma história do tempo para construir uma sociedade leitora”. In: CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez e CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.). **Livro, Leitura e Leitor**: perspectiva histórica. São Luís: Café e Lápis; EDUFMA, 2016.

GOMES, Laurentino. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. 3ª Ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

GUIMARÃES, Paula. **Retratos da leitura – Perfil do leitor**. Disponível e: <<https://www.institutoguimaraes.com.br/single-post/2017/07/27/Retratos-da-Leitura-%E2%80%93-Perfil-do-Leitor>>. Acesso em 26 de junho de 2018.

PERNAMBUCO. **Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco**. Sistema Bibliotecas Públicas de PE-SBPE. 2018. Disponível em: <Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco <http://www.biblioteca.pe.gov.br/?pag=1&men=82>> Acesso em 26 de junho de 2018.

QUINTELA, Vilma Mota. **Literatura e práticas de leitura nos domínios da oralidade**. Interdisciplinar. Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013.

RAMOS, Carla Rossana Chianello Ramos. As políticas para a biblioteca, o livro e a leitura no governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva: Breve estudo comparativo. In: **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.